

**Livro: Técnica da Psicanálise Infantil**  
**Cap. 3 – Mudança de Terapeuta**

Rossana da Cunha Arbo

O livro é escrito por Joseph Sandler e colaboradores, com diálogos, debates e comentários de Anna Freud. Traz em sua essência a técnica psicanalítica como “(...) *produto de um vasto conjunto de influências agindo sobre o terapeuta, inclusive na sua própria psicanálise pessoal, seu relacionamento com professores e supervisores e a série de pacientes que atende no decorrer de seus anos de formação como psicanalista*”.(p. 11)

A presente obra descreve as situações de tratamento num meio psicanalítico específico: A Clínica de Terapia Infantil Hampstead, de Londres. O livro incorpora a essência dos debates, cujos comentários da filha de Freud, que foi a fundadora dessa instituição, aparecem escritos literalmente. As contribuições dos demais participantes estão difundidas no decorrer do texto.

O capítulo escolhido fala da dificuldade que há na mudança de terapeuta, no tratamento com crianças, mesmo em instituições em que esse procedimento se faz necessário. Uma das desvantagens citadas é a ruptura que ocorre na então chamada aliança de tratamento. Isso porque as crianças ficam tão ou mais transtornadas que os adultos com tal mudança, devido à ligação que elas têm com o terapeuta como pessoa real. Caracteriza-se uma reação madura quando a criança é capaz de uma maior elaboração, podendo distinguir entre a função do terapeuta como pessoa real e a função do terapeuta como terapeuta.

Basicamente, as situações que surgem com a mudança de terapeuta são de três tipos. O primeiro se detém nas situações em que a criança faz a mudança suavemente, com base na necessidade que tem de uma ajuda. O outro tipo é o de crianças que apresentam dificuldades consideráveis ao lidar com tal mudança. E no terceiro tipo de reação, a mudança de terapeuta é desastrosa. Muitas não conseguem mais suportar o andamento da análise com o próximo terapeuta, ainda que esse seja altamente capacitado.

No decorrer do texto, se fala das muitas análises de crianças que terminam quando o terapeuta tem de partir ou quando é a criança que tem que se transferir. Aqui entra a questão de se a criança pode prosseguir sem ajuda analítica. Nesses casos, em que se percebe um possível término, serão discutidas com a criança as várias possibilidades futuras, de forma que nem a criança e nem o terapeuta fiquem num estado de incerteza não verbalizado. Há uma preparação da criança para a mudança de terapeuta ou para o término da análise. O segundo terapeuta se defronta com problemas. Muitas vezes não se sabe da natureza do primeiro tratamento, podendo ser isso uma desvantagem ou não. Se a criança é atendida numa instituição, esta pode prover alguma continuidade para a criança que troca de terapeuta. Em casos assim, é importante estar atento ao paciente, que para defender - se “espalha sentimentos por toda a instituição”. Isso geralmente acontece quando a troca de terapeuta não agrada à criança. Essa forma de defesa, segundo o autor, não pode ser confundida com a transferência para a instituição ou para as pessoas que nela trabalham.

O que se procura mostrar no decorrer do capítulo é que nem sempre é fácil para a criança elaborar sentimentos ligados à troca de terapeuta. Essa elaboração é essencial para o estabelecimento de uma nova transferência com o novo terapeuta. É importante que nesse

período de transição seja firmada uma aliança terapêutica baseada no desejo do paciente de ter ajuda. Isso será predominante e permitirá à criança estabelecer uma nova relação de tratamento.